

A NUÁRIO ' 2017

DA AVICULTURA INDUSTRIAL

Nº 11|2016 | ANO 108 | Edição 1261 | R\$ 45,00

Gessulli
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO

ISSN 1516-3105

APERTADA PELOS CUSTOS

O ano registrou produção estável e crescimento nas exportações, mas os altos preços do milho e a crise econômica do País impactaram todo o setor avícola. A expectativa é de melhora para 2017.

ENTREVISTA

Ministro da Agricultura Blairo Maggi explica como o Sudeste Asiático será importante para a ampliação da participação brasileira no comércio global de produtos do agronegócio.

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Pegasus Science lança sistema inédito para gerenciamento de micotoxinas.



A AVICULTURA DE CORTE EM 2016 - A CRISE CONTINUA

A queda da atividade econômica do País, da renda da população e consequente aumento do desemprego, que já dura mais de dois anos, tem enfraquecido a demanda interna. A pequena diminuição na disponibilidade das carnes no nosso mercado tem sido fundamental para manter os preços e o equilíbrio do mercado.

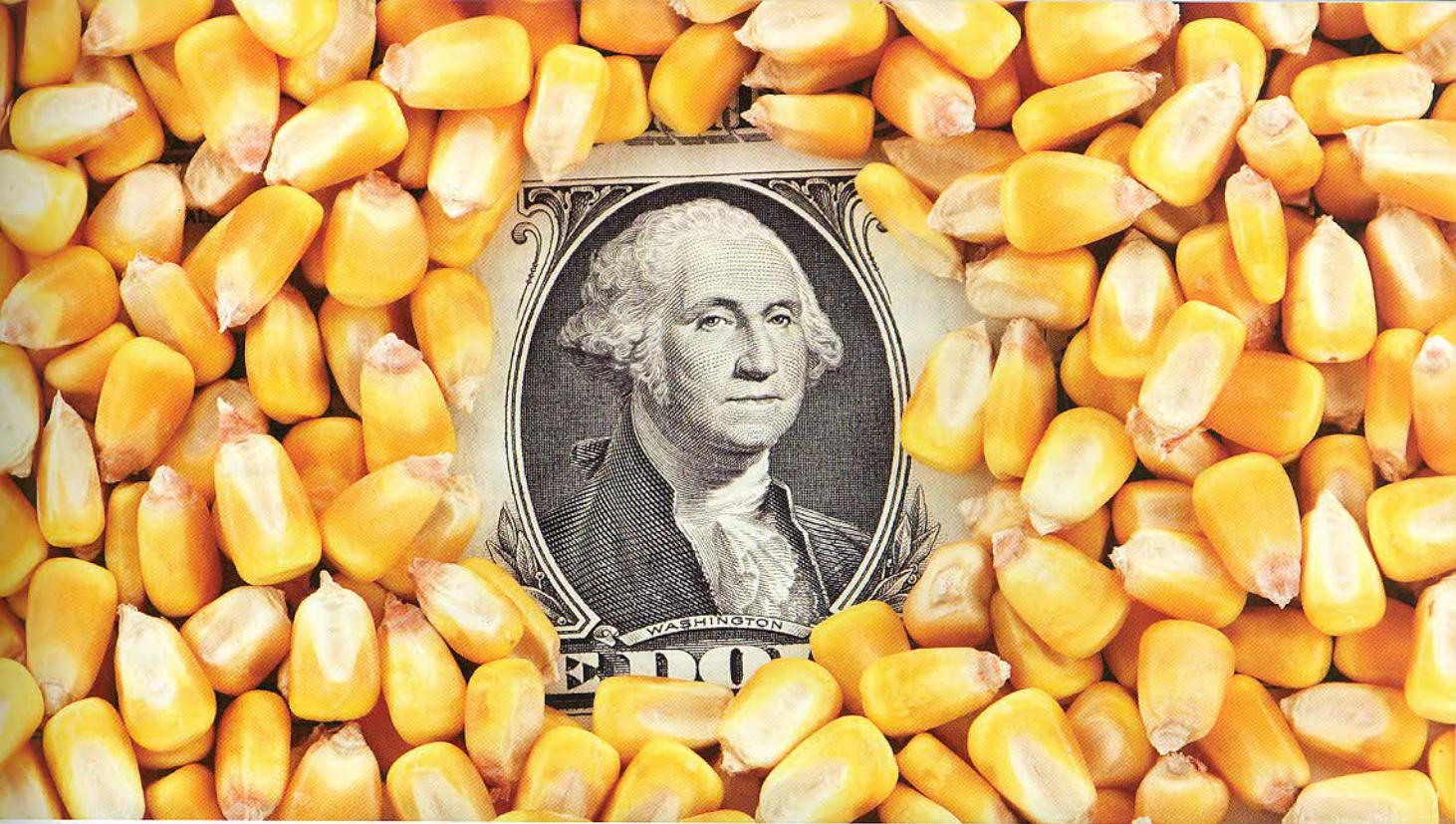
Por | Jonas Irineu dos Santos Filho¹; Dirceu João Duarte Talamini¹

Após um 2015 conturbado, o ano de 2016 também iniciou cheio de incertezas devido aos problemas políticos e econômicos que ainda continuam a afetar a economia brasileira, influenciando também nossa cadeia produtiva da avicultura de corte. Esta cadeia, apesar de todas as dificuldades, continuou crescendo e deve superar, pela primeira vez, a produção chinesa. A avicultura brasileira é uma atividade globalizada e um dos impactos que a atinge decorre da variação da taxa de câmbio que influencia mercados e preços, afetando tanto a produção como as exportações e importações. O preço nominal do dólar, que iniciou os primeiros meses de 2016 supervalorizado em relação ao real, superando os R\$ 4, na medida que a crise brasileira era superada apresentou queda, chegando ao mês de novembro valendo cerca de R\$ 3,25, uma redução de 20% em relação ao início do ano (Figura 01). O futuro do câmbio ainda é uma incógnita e, mesmo com a solução da crise política, não se espera uma maior queda no seu valor para os próximos meses. Na atual conjuntura, o dólar valorizado ajuda a alavancar as exportações brasileiras, já que o consumo interno não está forte, e desestimula as importações de manufaturas e produtos de baixo valor, geralmente de origem chinesa. Além da queda do dólar frente ao real, também está ocorrendo uma queda do valor em dólares da tonelada de

carne de frango no mercado internacional. Este fato penaliza duplamente o setor exportador avícola brasileiro (Figura 02). Se considerarmos a queda de 9,05% no preço médio da tonelada de carne de frango em 2016 e o efeito do câmbio de 20%, partindo, por exemplo, de um valor de US\$ 1.800 para a carne de frango *in natura* em 2015, convertendo este valor para reais a uma taxa de câmbio média de R\$ 3,16, obteríamos um total de R\$ 5.688. Para 2016, partindo do valor da tonelada de US\$ 1.637, câmbio de R\$ 3,55, chegamos a um valor de R\$ 5.811. É um valor maior (2%) em reais pelo efeito da taxa de câmbio média que usamos. Contudo, para completar a conta, devemos considerar a inflação do período e o aumento no custo de produção do frango vivo, estimado em mais de 16% no período, decorrente principalmente da elevação dos preços do milho, os quais somados à elevação

Figura 01. Taxa de câmbio nominal, reais por dólar, Janeiro 2014 a Setembro 2016 (Ipeadata)





do custo de abate, processamento e transporte, reduziram a lucratividade da atividade.

As variações dos preços internacionais em dólar e da taxa de câmbio afetam os preços internos dos produtos e dos insumos usados na produção das carnes, como do farelo de soja e do milho, podendo ter um efeito final positivo ou negativo para a cadeia avícola. O recente caso dos preços do milho no Brasil, por exemplo, mesmo com um preço internacional normal, nosso real desvalorizado estimulou as exportações, ajudou a causar escassez e encareceu o produto no mercado interno, elevando fortemente o custo de produção dos animais, o qual não pôde ser repassado aos consumidores.

Mesmo com todas as turbulências do País, a produção brasileira de frangos cresceu e, em 2016, as estimativas são que superará

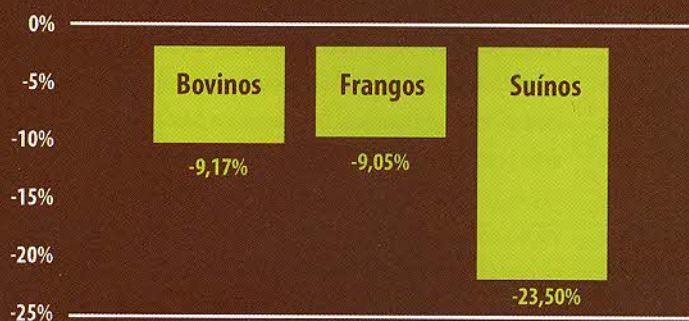
a produção chinesa, passando a ocupar o segundo lugar, após os Estados Unidos, no ranking dos maiores produtores mundiais. Dentre os países, chama a atenção o alto crescimento em especial da Índia (7,11%), Rússia (6,47%) e Tailândia (4,63%), muito superiores à média mundial que foi de 1,77%. Também, merece destaque o crescimento da produção da União Europeia (3,22%), atribuído ao crescimento da produção na Polônia e Hungria (Tabela 01).

No que se refere às importações, o Japão ocupa a primeira posição, mas o destaque foi o crescimento das importações do México, que passou a ocupar a posição da Arábia Saudita como segundo maior importador mundial e também o extraordinário crescimento das importações da China, Filipinas e África do Sul. Quanto às exportações, o Brasil continua ocupando a primeira

posição, apresentando crescimento dos volumes exportados apesar de enfrentar uma queda do valor em dólar da tonelada de carne de frangos no mercado internacional.

Figura 02. Comparação do valor, em dólares, da tonelada de carne exportada

Janeiro a Outubro de 2016 em relação ao mesmo período de 2015



Fonte: Agrostat

CARNES NO BRASIL: PRODUÇÃO E MERCADO

Vamos olhar com um pouco mais de profundidade o comportamento das principais carnes no Brasil examinando os volumes produzidos, exportados e disponibilizados ao consumo interno publicados pelo Sistema de Inspeção Federal para os períodos de janeiro a junho de 2015 e 2016. Dentre as carnes, o melhor desempenho foi apresentado pela

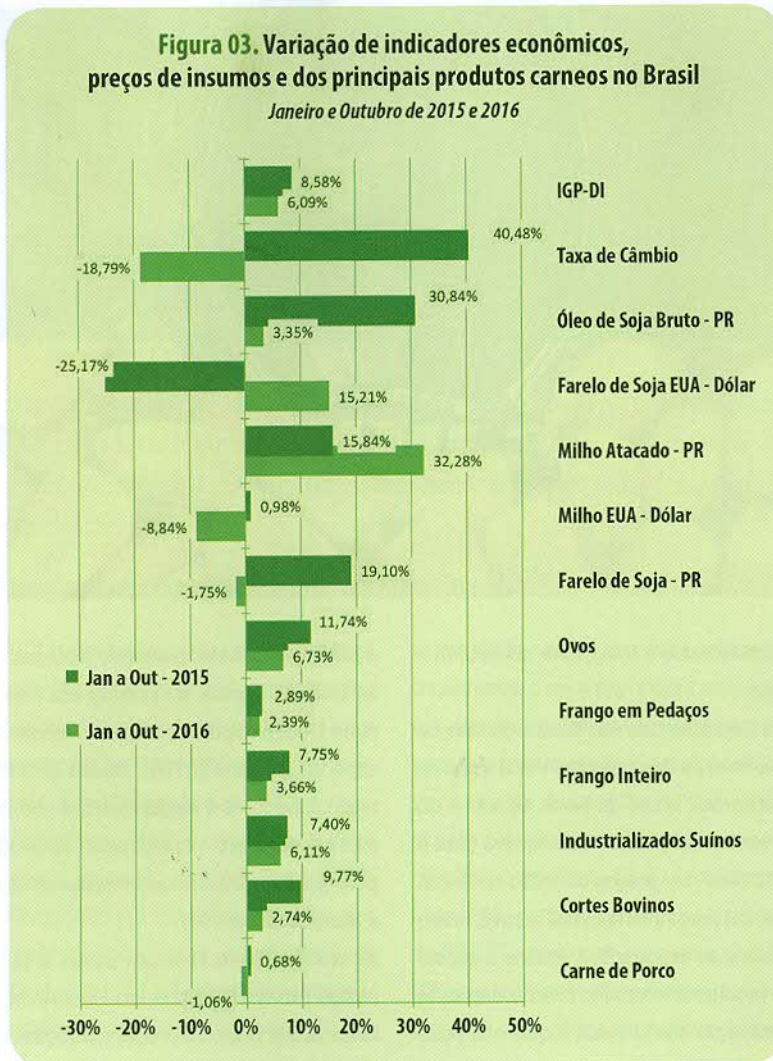


suinocultura, que cresceu 9,28% nos volumes produzidos, 56,31% na quantidade exportada e 1,01% no volume disponibilizado ao consumo interno. A avicultura de corte teve resultados mais modestos, mas também importantes considerando a atual crise do País. Enquanto no primeiro semestre de 2016 o crescimento da produção foi de 3,55%, o volume exportado aumentou 14,10%, ocasionando uma queda de 1,37% na disponibilidade interna. Já a carne bovina tem uma oferta menos elástica mostrada

pelo crescimento da produção, mas continuou a aumentar suas exportações com o ônus de uma menor disponibilidade interna (Tabela 02). A queda da atividade econômica do País, da renda da população e consequente aumento do desemprego, que já dura mais de dois anos, tem enfraquecido a demanda interna. A pequena diminuição na disponibilidade das carnes no nosso mercado tem sido fundamental para manter os preços e o equilíbrio do mercado.

A Figura 03 apresenta a variação de indicadores econômicos importantes para o mercado brasileiro e para a avicultura para os períodos de janeiro a outubro de 2015 e janeiro a outubro 2016. A primeira variável a ser considerada é o Índice Geral de Preços (IGP), indicador da inflação de toda a economia, que nos dez meses de 2015 foi de 8,58% e caiu para 6,09% no mesmo período de 2016, sinalizando que a economia nacional está caminhando na direção correta. O comportamento da taxa de câmbio também reflete a confiança nas medidas econômicas e o real, após des-

Figura 03. Variação de indicadores econômicos, preços de insumos e dos principais produtos carneos no Brasil
Janeiro e Outubro de 2015 e 2016



valorizar 40,48% em 2015, valorizou 18,79% em 2016. Se em 2015 a desvalorização do real foi benéfica para as exportações das carnes, pelo lado da sua produção levou a uma grande elevação dos custos. Segundo dados do Departamento de Economia Rural do Paraná (Deral) apresentados na Figura 03, o preço do milho no atacado teve a maior variação, subindo 15,84% nos dez meses de 2015 e 32,28% no mesmo período de 2016. O farelo de soja e o óleo de soja bruto, que junto com o milho são

os insumos de maior peso no custo de produção, apresentaram um incremento de 19,10% e -1,75%, 30,84% e 3,35% nos períodos considerados. Observa-se que apenas o preço do farelo de soja teve uma pequena redução e o milho acumulou significativa elevação nestes dois anos no mercado brasileiro, enquanto que no mercado norte-americano está com tendência de queda devido à expectativa de boa safra. Não são apresentados na figura os preços de itens como vitaminas, aminoácidos e medicamentos, que são em sua quase totalidade adquiridos no mercado internacional, sendo fortemente influenciados pelo câmbio e, por isso, seus preços seguiram a variação do dólar no mercado brasileiro. O preço do ovo de consumo foi o que apresentou a maior elevação no mercado varejista, inclusive superando a inflação do período considerado. Os preços do frango inteiro e em pedaços tiveram uma pequena variação positiva, menor, contudo, que o IGP-DI que foi de 8,58%, apresentando perdas em termos reais. O frango inteiro, principalmente em função de uma variação

expressiva em 2015, quando apresentou elevação de 7,75%, teve perdas menores que o frango em pedaços.

Assim, no mercado interno, a resultante de forças da oferta (custo de produção e preços recebidos) e demanda (preço pagos pelo

consumidor) não foram benéficas para o setor de frangos. O ano somente não foi catastrófico para o setor devido ao expressivo crescimento do preço da carne bovina. No varejo, a falta da carne bovina foi percebida pelo consumidor, causando uma

variação significativa (9,77%) no preço nos dez meses de 2015 e mais 2,74% em 2016, com os melhores cortes subindo em torno de 25%.

O efeito substituição, principalmente para a classe média que consome carne de primeira, passando para a carne de frango, sustentou os seus preços, diferentemente da carne suína *in natura*, que apresentou decréscimo de preços em quase todos os itens.

Outro insumo cada vez mais importante para a cadeia da avicultura é a energia elétrica, cujo preço médio nos dez primeiros meses de 2015 elevou-se em 50,60% (Figura 04). O preço da energia elétrica no Brasil estava razoavelmente estável no período de 2010 a 2014, mas teve um forte crescimento em 2015 e 2016 (Figura

05). A explicação foi a falta de chuvas, a qual impacta de imediato especialmente as hidrelétricas que não apresentam reservatórios de água. Devido a importância da energia elétrica no custo de produção, convém comparar o preço médio da nossa energia elétrica com outros países (Figura 06). O Brasil posiciona-se entre os países que apresentam a energia mais cara, o que é incompatível com a nossa disponibilidade de água e a ampla possibilidade de geração de energia a partir de hidrelétricas. Embora construir reservatórios cause impacto ambiental pela inundação de áreas agrícolas e florestais, não contar com eles traz problemas ainda maiores. Exemplo disso é a necessidade do uso das termoeletricas à base de combustíveis fósseis, gerando energia de forma menos eficiente e mais cara, reduzindo a competitividade do País. Já a geração de energia de fontes alternativas como a eólica e solar requer arcabouço legal para regulamentar o uso e comercialização dos excedentes e, devido aos altos investimentos necessários, que elevam os custos de geração e distribuição, encarecendo todo o sistema, evidências claras quanto à viabilidade econômica. No caso da

Tabela 01. Carne de frangos: Produção, importação, exportação e taxa anual de crescimento dos principais países e do mundo entre 2012 e 2017

Países	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TGC
Produção							
1 - Estados Unidos	16.621	16.976	17.306	17.971	18.283	18.690	2,45%
2 - Brasil	12.645	12.308	12.692	13.146	13.605	14.080	2,53%
3 - China	13.700	13.350	13.000	13.400	12.700	11.500	-2,80%
4 - União Europeia	9.660	10.050	10.450	10.810	11.070	11.300	3,22%
5 - Índia	3.160	3.450	3.725	3.900	4.200	4.500	7,11%
6 - Rússia	2.830	3.010	3.260	3.600	3.750	3.770	6,47%
7 - México	2.958	2.907	3.025	3.175	3.270	3.335	2,90%
8 - Argentina	2.014	2.060	2.050	2.080	2.100	2.165	1,25%
9 - Turquia	1.723	1.758	1.894	1.909	1.900	1.960	2,56%
10 - Tailândia	1.550	1.500	1.570	1.700	1.780	1.890	4,63%
11 - Indonésia	1.540	1.550	1.565	1.625	1.640	1.660	1,68%
12 - Outros	14.866	15.480	16.018	15.378	15.250	15.598	0,44%
Total Mundial	83.267	84.399	86.555	88.694	89.548	90.448	1,77%
Importação							
1 - Japão	877	854	888	936	955	920	1,81%
2 - México	616	682	722	790	820	850	6,65%
3 - Arábia Saudita	750	838	762	863	850	840	2,12%
4 - União Europeia	727	671	712	728	750	760	1,67%
5 - Iraque	610	673	698	625	670	695	1,52%
6 - África do Sul	371	355	369	436	520	560	10,11%
7 - China	254	244	260	268	410	550	16,85%
8 - Hong Kong	300	272	299	312	325	335	3,28%
9 - Emirados Árabes	223	217	225	277	305	330	9,54%
10 - Filipinas	150	148	199	205	260	280	14,83%
11 - Outros	3.617	3.683	3.715	3.127	2.982	3.116	-4,34%
Total Mundial	8.546	8.692	8.902	8.626	8.906	9.296	1,33%
Exportação							
1 - Brasil	3.508	3.482	3.558	3.841	4.110	4.385	4,95%
2 - Estados Unidos	3.299	3.332	3.310	2.867	2.978	3.128	-2,11%
3 - União Europeia	1.094	1.083	1.133	1.177	1.250	1.275	3,59%
4 - Tailândia	538	504	546	622	670	710	7,01%
5 - China	411	420	430	401	395	345	-3,17%
6 - Turquia	284	337	378	321	280	320	-0,35%
7 - Ucrânia	75	141	167	159	215	240	22,25%
8 - Argentina	295	334	278	187	155	190	-13,06%
9 - Rússia	35	48	50	71	130	150	35,43%
10 - Canadá	141	150	137	133	135	145	-0,59%
11 - Belarus	105	105	113	135	135	135	6,45%
12 - Outros	303	338	377	340	340	349	1,79%
Total Mundial	10.088	10.274	10.477	10.254	10.793	11.372	2,09%

Fonte: USDA



Tabela 02. Evolução da produção, exportação e disponibilidade interna das carnes de frangos, bovinos e suínos no Brasil, entre janeiro a junho de 2015 e 2016

Abate Fiscalizado (SIF) nos anos de 2015 e 2016 (t)			
	Jan-Jun 2015	Jan-Jun 2016	Varição
Frangos	6.133.189	6.351.084	3,55%
Bovinos	3.143.348	3.172.426	0,93%
Suínos	1.484.376	1.622.144	9,28%
Total	10.760.913	11.145.654	3,58%

Exportações brasileiras de carnes nos anos de 2015 e 2016 (t)			
	Jan-Jun 2015	Jan-Jun 2016	Varição
Frango	1.951.916	2.227.122	14,10%
Bovinos	634.952	712.290	12,18%
Suínos	221.991	346.989	56,31%
Total	2.808.859	3.286.401	17,00%

Disponibilidade interna de carnes de frangos, bovinos e suínos nos anos de 2015 e 2016			
	Jan-Jun 2015	Jan-Jun 2016	Varição
Frango	4.181.273	4.123.962	-1,37%
Bovinos	2.508.396	2.460.136	-1,92%
Suínos	1.262.385	1.275.155	1,01%
Total	7.952.054	7.859.253	-1,17%

Fonte: Cálculo dos autores com dados do IBGE e Mapa-Agrostat

energia eólica, estudo efetuado na Inglaterra e Dinamarca mostrou que a eficiência das turbinas na geração da energia elétrica cai significativamente ao longo do tempo, chegando a diminuir mais de 30% nos primeiros dez anos.

Olhando para a cadeia produtiva como um todo, outro item importante é a mão de obra. A Instrução Normativa 36 e a Norma Reguladora 12, editadas pelo Ministério do Trabalho,

tiveram impacto direto sobre o custo de produção e a geração de empregos nas empresas. Se o setor era intensivo no uso da mão de obra, se existia pequeno ganho de produtividade e de escala no abate de frangos, atualmente este fato não é mais verdadeiro. A necessidade de diminuir a dependência da mão de obra e dos problemas trabalhistas tem criado um novo paradigma voltado à automação, robotização e aumento da escala na indústria. Atualmente, as plantas com capacidade de abate inferior a 200 mil frangos por dia já têm dificuldade para atingir a viabilidade econômica. Assim, para fugir dos altos custos e passivos trabalhistas, observa-se clara tendência pela automação nas linhas de abate, evisceração e até de corte. Esta automação mostrará reflexos na geração de empregos nos municípios com grande dependência da indústria avícola e que ainda tinham plantas de média e pequena escala. Embora o bem-estar e a segurança do trabalhador sejam fundamentais, estudos científicos devem ser realizados para medir o real benefício das medidas e propor ajustes necessários.

Os problemas de logística continuam estrangulando o lucro dos produtores e da indústria e o precário modal rodoviário brasileiro ainda é a principal opção para a movimentação das mercadorias do Brasil. Os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que tem apresentado grande déficit no suprimento de milho nos últimos anos, ainda não contam com projetos e ações que viabilizem, a custos competitivos, o transporte do milho do Centro-Oeste, região com os maiores excedentes no País. Caso não se concretizem, no curto e médio prazo, medidas para sanar o escoamento de milho para a região deficitária, a diferença entre os preços na região de consumo e na região de produção tende a se ampliar e pode comprometer a competitividade não só dos Estados do extremo sul, grandes produtores nacionais, mas da

própria avicultura brasileira. A possibilidade de escoamento do milho do Centro-Oeste pelos portos da região Norte vai favorecer as exportações e causar um incremento no preço pago ao produtor, o que sem dúvidas é benéfico. Contudo, o maior preço do milho e da soja elevará o custo de produção de frangos, ovos e suínos tanto nas regiões de produção de milho como na região Sul do Brasil. A solução para manter estes setores em equilíbrio é diminuir o custo do transporte do cereal do Norte do Mato Grosso para as regiões Sul e Sudeste do Brasil mantendo a competitividade e a oferta de alimentos de qualidade e baixo preço para a população.

Figura 04. Variação do preço do KWh de energia elétrica residencial no Brasil, dez 1995=100



Fonte: IBGE



Figura 05. Variação do custo médio da energia elétrica industrial

(Junho 2016=100)

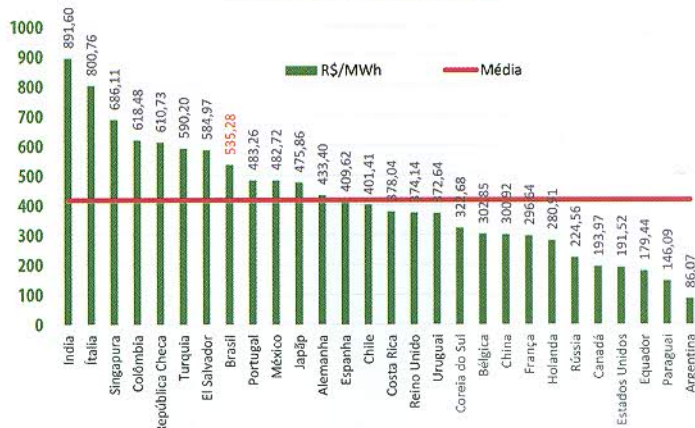


Fonte: Firjan (2016)

Também ações devem ser realizadas visando o aumento na produção de ingredientes para as rações na região Sul. No período de outono e inverno, há nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul a disponibilidade de área agrícola de dois milhões de hectares, a qual não é apta ao cultivo do milho safrinha. O desenvolvimento de variedades de cereais de inverno destinados à alimentação animal (trigo, cevada, centeio), com alta produtividade e baixo custo de produção, pode gerar renda ao agricultor e diminuir o déficit de milho nestes dois Estados. Por fim, programas que aumentem a produtividade, a qualidade, o armazenamento e a utilização do milho nos Estados deficitários e no Brasil como um todo também são positivos.

Figura 06. Custo em reais da tarifa industrial de energia elétrica em países selecionados em 2014

(convertidos pelo dólar médio de 2016)




Fonte: Firjan (2016)

No que se refere à próxima safra, a expectativa é que o clima seja favorável. Os meteorologistas consideram que os efeitos do El Niño foram benéficos para a produção de 2014/2015 e se estenderão em 2016, favorecendo uma boa safra de milho e soja, garantindo o abastecimento e as exportações do país. Quanto ao comércio internacional da carne de frangos, espera-se um mercado ainda com forte demanda no próximo ano. Existe uma preocupação sobre a diminuição do crescimento econômico da China, mas mesmo que isto ocorra a expectativa é que o mercado internacional para carne de frango se mantenha aquecido no próximo

ano devido aos problemas sanitários que estão ocorrendo nos Estados Unidos e México, ao crescimento da economia indiana, e à recuperação econômica dos Estados Unidos e do Japão. O Brasil deverá se manter como o maior exportador mundial, o que já ocorre há mais de dez anos. Já os Estados Unidos devem recuperar uma fatia do mercado perdida em 2015 e a Argentina, com um novo governo e uma melhor política comercial, fortaleceu sua presença no comércio internacional. A Tailândia, assim como a União Europeia, manterá sua trajetória e planos na produção avícola.

O mercado interno brasileiro ainda deverá estar retraído em 2017. Todos os prognósticos sinalizam para um ano difícil na economia do País o que, somado aos anos negativos de 2015 e 2016, fragilizará muito o consumo das famílias. Caso

a produção de carne bovina se recupere e a oferta interna seja ampliada, teremos maior competitividade no mercado de carnes com possível reflexo negativo nos preços de todas as carnes. Vale sempre lembrar que a avicultura brasileira tem demonstrado capacidade de resistir às dificuldades. Mais uma vez deverá agir com cautela, capacitar as equipes, estudar cuidadosamente planos de expansões, ampliar e consolidar mercados. O setor deve também envolver-se de forma proativa em discussões de infraestrutura e logística e no aperfeiçoamento do arcabouço legal que rege a economia e as empresas do país. 

¹Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves

